

de Sol a Sol



O governo tem tomado importantes medidas contra os assambarcadores. Criou organismos de defesa do interesse público, mostrando-se disposto a punir severamente todos aquêles que procuram enriquecer à custa da miséria e ruína do país.

O governo pode contar nesta acção com os aplausos de todos, menos dos próprios assambarcadores que não deixarão de recorrer a todos os meios para a dificultarem. Porque a-pesar-de tudo a falta de produtos e a subida dos preços tem-se feito sentir por tôda a parte. Que sobre êles peze o gládio da justiça inflexível é o que todos desejamos. Não podem interpretar-se doutra maneira as inúmeras denúncias de assambarcamentos e de altas injustificadas de preços que se estão fazendo nas repartições encarregadas de reprimir os abusos.

5 de Outubro

O dia 5 de Outubro é uma data importante da História de Portugal. Quere dizer, o 5 de Outubro eliminou qualquer coisa que já era um formalismo. Aquêles que morreram na revolução merecem o nosso respeito, muitos outros que lutaram pela Democracia e pela República merecem a nossa admiração, mas não gastaremos hipóboles com a obra encetada pelos governos do 5 de Outubro de cuja acção quasi nada resultou para uma verdadeira republicanização. Os partidos da República viveram criados de erros e de vícios, que não podemos elogiar; os seus homens mais representativos estiveram abaixo das suas próprias responsabilidades, etc., etc. A nossa geração, ao fazer justiça, cumpre um dever e comemora melhor assim o verdadeiro significado histórico do 5 de Outubro.

pondo de parte os caprichos

Hoje já não podemos xaltar caprichos. Temos até o dever de chamar a atenção para a sua inutilidade ou os seus maus resultados.

O que procuramos contra-

por-lhes, é uma obra conjunta que se desenvolva ordenadamente.

Precisamos de aproveitar a espontaneidade, os calores afectivos e as luzes racionais. Mas para isso temos de ir collocando à parte todos os caprichos e valorizando o nosso trabalho através da obra que cresce.

simplistas?

Defendendo a integração do homem na realidade, a integração do artista na vida, a realização integral dum novo mundo, pelo advento de um novo complexo super-estrutural baseado numa completa renovação da estrutura base, isto é, os que pugnam por uma nova concepção do mundo e da vida, uma nova moral, uma nova arte com bases numa transformação social, são os simplistas.

Os que compreendem a necessidade dum novo humanismo, de um neo-realismo, de um materialismo inteligente que combatam as posições falsas das teorias em decadência, são os estreitinhos...

precisamos de alfabetizar

Transcrevemos dum artigo de Norton de Matos:

«Continuo convencido de que só vantagens há em chamar amiudadas vezes a atenção do público para certos factos de caracter nacional, por mais dolorosos que êles sejam.

Li há dois ou três dias neste jornal, que, em 1936, foram inspeccionados pelas juntas de recrutamento 64.376 mancebos. Destes rapazes, o melhor expoente do espirito e do vigor

da vida das aldeias, 26.121, isto é, 41 por cento, eram analfabetos, e 38.363, isto é, 59 por cento, foram julgados incapazes do serviço militar.

Isto é apavorante.

Não tenho aqui à mão estatísticas, mas sei que o número de raparigas analfabetas é muito maior que o dos rapazes que não sabem lêr e escrever.

Desde que me conheço ouço dizer que se está combatendo afincadamente o analfabetismo. Ora se nestes últimos três quartos de século, que tanto tem durado o afincado combate, se tivesse conseguido diminuir de 1 por cento por ano, em média, a percentagem dos analfabetos no nosso país, já teriam êles deixado de existir. E como isso se não deu, devo concluir que se não soube organizar o combate. Que importa que as cousas tenham melhorado um pouco:— emquanto as percentagens não descerem abaixo de dez, seremos considerados como um povo de analfabetos. É duro, mas é assim.

Temos de organizar o ensino, de o levar a tôdas as idades e de fazer em vinte anos o que não soubemos fazer num século.»

«Não vos parece, amigos, que alfabetizar é uma grande missão que temos a desempenhar?»

títulos complicados e direcções complicadas...

Jean Hennessy

Vendedor de Cognac, Charente



SOL — a revista cultural do pensamento jovem

Publica-se a 15 de cada mês

Mínimo de assinatura: 5 números, 5 escudos (pagamento adiantado)

Visado pela Comissão de Censura

Enviar tôda a correspondência para: Couraça de Lisboa, 38—Coimbra

PORTO, 15 DE OUTUBRO DE 1939

Antigo Ministro da Agricultura;

Antigo Embaixador da França em Berne;

Antigo e futuro candidato à Presidência da República;

Deputado por Nice (4.^a circunscrição);

Antigo comanditário do jornal «Quotidien»;

Actual comanditário do jornal «Oeuvre»;

Antigo Presidente do Partido Social-Nacional;

Presidente duma «Federação Francesa de Associações para a Sociedade das Nações»;

Membro do Circulo Hípico, etc.

Endereços:

Castelo d'Allowville (Somme);

Castelo de Saint-Brice (Charente);

Castelo de la Garde (Ille-et-Vilaine);

Domicílios em Paris, Nice, etc.

Garrafas de cognac à venda em tôdas as boas casas.

nós e o sr.

António Sérgio

Por circunstâncias estranhas à nossa vontade, só no próximo número podemos publicar um editorial sobre a questão da possibilidade técnica e da realização social da abundância para todos. Em resposta a uma defeza «indirecta» dos seus pontos de vista, que o autor dos *Ensaio*s tentou em *O Diabo*, procuraremos tornar ainda mais clara a nossa posição perante um problema de tão grande importância.